1. Para Paul Ricoeur:

a) qual a diferença entre o tempo cronológico, o tempo heideggeriano (voltado ao ser-no-mundo/"within-time-ness") e o tempo narrativo?

No artigo “Narrative Time”, Paul Ricoeur tem como objetivo desvelar o que ele chama de “uma experiência mais profunda do tempo, que escape da dicotomia entre a cronologia da sequência e a a-cronologia dos modelos” (p. 169). Ele buscará fazê-lo a partir de uma análise contrastiva dos conceitos que envolvem a temporalidade na teoria de Heidegger e na teoria da narratividade.

A partir de uma revisão crítica da visão heideggeriana sobre o tempo, Ricoeur quer mostrar que “a análise da narratividade afeta e corrige a análise da historicalidade em pelo menos um ponto decisivo” (p. 180). Ou, em outras palavras, pesquisar “a contribuição que a teoria da narrativa pode oferecer a uma fenomenologia da experiência do tempo” (p. 171-2).

Para Ricoeur, tanto a crítica literária, no âmbito da narratividade, como os filósofos teriam ignorado a reciprocidade entre temporalidade e narratividade, pois a epistemologia da história e da crítica literária das narrativas ficcionais teriam por pressuposto que toda narrativa ocorreria numa sucessão linear de instantes e, por outro lado, filósofos costumariam explicar a experiência interior do tempo ou fazendo referência à cosmologia ou à física, sem qualquer relação com a atividade narrativa. Desse modo, a função narrativa e a experiência humana permaneceriam estranhas uma à outra (p. 170).

Nesse sentido, Ricoeur diz concordar com Heidegger de que “a representação corriqueira do tempo como uma série linear de ‘agoras’ esconde a verdadeira constituição do tempo” e postula uma compreensão cada vez mais aprofundada da temporalidade, segundo vários níveis, de acordo com o modelo de compreensão da experiência temporal:

- a partir de referências externas, concepção do tempo cronológico, baseada em referências empíricas, como ciclos naturais, cosmologia ou física;

- tempo [aristotélico] como uma sucessão linear de instantes, “série linear de ‘agoras’”, na terminologia adotada por Heidegger na crítica que faz a Aristóteles em *Ser e tempo*;

- concepção heideggeriana de tempo enquanto “within-time-ness”, que, segundo Ricoeur, corresponde a “uma análise existencial do tempo” e se define por uma das características básicas do cuidado, que é nosso “estar jogado no mundo”. Para Heidegger, a vivência da temporalidade depende das coisas em que colocamos nossa atenção (das Vorhandene – coisas dadas, com as quais contamos – e das Zuhandene, os utensílios que nos são oferecidos à manipulação). Heidegger chama esse traço da atenção [concern] de “preocupação” [preoccupation] ou “circunspecção”. Nesse sentido, o tempo não seria redutível a uma série linear de instantes: é a nossa preocupação, não as coisas com as quais nos preocupamos, que determina o nosso sentido do tempo. “Um dia não é uma medida abstrata; é uma magnitude que corresponde à nossa preocupação [concern] e ao mundo no qual estamos jogados” (p. 173).

A partir disso, descortina-se um terceiro nível da temporalidade, ainda heideggeriano, a historicalidade, que compreende o tempo numa extensão entre nascimento e morte, uma unidade profunda entre futuro, passado e presente (como aparece em Agostinho). Como afirma Ricoeur, a historicalidade pode ser caracterizada “em termos da ênfase colocada no peso do passado e, mais que isso, em termos do poder de recuperar a ‘extensão’ entre nascimento e morte pelo trabalho da ‘repetição’”. Para Ricoeur, isso é tão decisivo em Heidegger que esse traço, sozinho, permite que a história objetiva seja fundamentada na historicalidade e que possa se abrir para a unidade plural do futuro (p. 171).

- tempo narrativo: Mesmo que a concepção da temporalidade heideggeriana signifique para Ricoeur um aprofundamento da compreensão da temporalidade existencial humana, para além do nível superficial do tempo cronológico, “ordinário” ou “externo” ao homem, há, para ele, aspectos em que a teoria da narrativa poderia contribuir decisivamente para uma fenomenologia da experiência do tempo. Para Ricoeur, o *tempo* praticamente desapareceu do horizonte das teorias da história (epistemologistas anti-narrativistas) e da narrativa (crítica estruturalista). Essa contribuição, para ele, estaria ligada à “complexidade da matriz narrativa constituída pelo enredo [plot]”.

Segundo Ricoeur, toda história “descreve uma série de ações e experiências feitas por alguns personagens, reais ou imaginários”. Além disso, acompanhar uma história “é compreender as ações, pensamentos e sentimentos em questão à medida que eles apresentam um certo direcionamento” (p. 174). Nesse sentido, “a estrutura narrativa confirma a análise existencial” heideggeriana, já que é ao “*Dasein* fático que pertence a arte de contar, mesmo quando a narrativa é ficcional” (p. 175). Para Ricoeur, porém, embora a “atividade narrativa seja a expressão discursiva da preocupação e do fazer-presente” do within-time-ness heideggeriano, ela o é de modo *privilegiado*, porque a análise heideggeriana, para Ricoeur muito breve e centrada em torno de “ler a hora”, não se dá conta do fenômeno da *intervenção*. Para Ricoeur, o tempo narrativo do “agora que...” é simultaneamente o tempo em que alguém é abandonado no interior das circunstâncias, mas responsável ao mesmo tempo [Riobaldo de *Grande sertão: veredas*; Rosely e o conceito de “deliberação”].

Nas palavras de Ricoeur: “É no fenômeno da intervenção, no qual nossos poderes de ação são ligados à ordem do mundo, que o que pode ser denominado a estrutura da intersecção característica da within-time-ness é constituída, na zona inferior entre o tempo ordinário e a historicalidade. Nesse sentido, a narrativa mostra como a preocupação ‘interpreta a si mesma’ ao dizer ‘agora’. A busca do herói é o instrumento [medium] privilegiado para essa auto-apresentação. Ela é, mais que qualquer outra, a narrativa da preocupação” (p. 177).

Além disso, “toda narrativa combina duas dimensões em várias proporções, uma cronológica e outra não-cronológica. A primeira pode ser chamada dimensão episódica, que caracteriza uma história como uma série de eventos. A segunda é a dimensão configurativa, de acordo com a qual o enredo constrói totalidades significativas a partir de eventos dispersos. Aqui [diz Ricoeur] estou emprestando de Louis O. Mink a noção de ato configurativo” (p. 178). Para Ricoeur, o ato configurativo do enredo significa “extrair um padrão de uma sucessão” e corresponde ao julgamento reflexivo kantiano.

Nesse sentido é que, para Ricoeur, e de modo muito importante, a narratividade revê e aprofunda, dialeticamente, a teoria heideggeriana do tempo:

“As implicações temporais dessa estrutura bipartida do enredo são tão impressionantes que podemos [...] conjecturar que a narrativa faz mais do que apenas estabelecer a humanidade, juntamente com as ações e paixões humanas, ‘no’ tempo; ela também nos traz de volta da within-time-ness para a historicalidade, do ‘contar com o tempo’ para ‘rememorá-lo’ [...]” (p. 178). Nesse sentido, para Ricoeur, “a correlação entre pensamento e enredo supera o ‘então’ e ‘então’ da mera sucessão” (p. 179). A estrutura teleológica do enredo também nos leva “ao sentido de um final”. Finalmente, a rememoração da história leva a uma (re)atualização da experiência ou dos sentidos existenciais nela constituídos.

b) qual a tipologia (tripartite) do tempo narrativo, baseado no enredo (plot)?

A teoria da narratividade baseada no enredo, segundo Ricoeur:

1. Aprofunda a análise heideggeriana da within-time-ness: além de “jogado no mundo”, o homem é responsável por suas decisões nele (coloca-se uma dimensão ética);

2. Abarca não apenas a noção de tempo como sucessão, mas também como configuração (extrair um padrão – sentido, interpretação, pensamento) de uma sucessão;

3. revitaliza a historicidade pela via da existencialidade, ou seja, pela construção de novos todos de sentido a partir da rememoração e do recontar.

c) qual a relação possível entre tempo existencial e historicidade?

Tem a ver com o que foi colocado acima.

2. Explique por quê, para J.-M. Gagnebin, a reflexão ricoeuriana sobre Agostinho permitiria "um aprofundamento da temporalidade humana".

A resposta está neste parágrafo conclusivo:

“Chego à minha conclusão que empresto, mais uma vez, à bela leitura de Ricoeur. No texto agostiniano, é óbvio, essa reflexão sobre a temporalidade humana dilacerada só adquire seu sentido último em oposição à plenitude da eternidade divina. No entanto, não há somente um antagonismo irredutível entre temporalidade humana e eternidade divina, mas, na linha reta da teologia agostiniana da encarnação e da iluminação, uma relação mais secreta e fundadora de co-pertença: a própria visada da experiência temporal, na sua intensidade presente *(attentio ou intentio* no vocabulário de Agosti- nho) torna-se como que uma imagem do presente eterno de Deus em nós. À dialética tempo-eternidade corresponde, no seio da própria experiência temporal, a dialética entre *distentio — a* tensão com o dilaceramento doloroso — e *intentio ou attentio —* a tensão como intensidade, força, concentração. Assim, ainda segundo Ricoeur, a oposição entre tempo humano e eternidade divina não acarreta só, como uma leitura edificante barata induziria a pensá-lo, uma desvalorização do primeiro, falho e transitório, em relação ã plenitude da segunda. De maneira muito mais instigante, esse contraste introduz, dentro da experiência humana do tempo, uma diferenciação qualita- tiva essencial. Ela permite, nas palavras de Ricoeur, uma teoria das várias intensidades temporais, um aprofundamento da temporalidade humana, contra a concepção vulgar de um tempo cronológico, linear, ‘homogêneo e vazio’ (W. Benjamin).”

3. A partir das leituras empreendidas, ***como*** você analisaria o TEMPO numa narrativa?  Esboce a ***sua*** METODOLOGIA DE ANÁLISE TEMPORAL de um texto narrativo (se quiser, utilize outras referências bibliográficas de seu conhecimento).